

Sobre narrativas, periodismo, racismo(s) y algoritmos

1

Demétrio de Azeredo Soster

deazedososter@academico.ufs.br - Universidade Federal de Sergipe

La Trama de la Comunicación - Volumen 29 Número 2 - julio a diciembre de 2025
ISSN 2314-2634 (en línea)
Sobre narrativas, periodismo, racismo(s) y algoritmos
Demétrio de Azeredo Soster.

Sobre narrativas, periodismo, racismo(s) y algoritmos

Sumario:

Este artículo, de tipo ensayo, examina el impacto de la aparición de fenómenos disruptivos como el racismo algorítmico en el sistema de comunicación mediática. Partimos de la base de que, si los sistemas son estructuralmente racistas (Silva, 2024), la presencia de algoritmos en sus dispositivos visibiliza esta condición en el discurso mediático, afectado por el proceso de mediatización. De este modo, y a merced de lo que Braga (2012) denomina circuitos informativos, se reconfigura discursivamente, convirtiéndose en un problema de circulación, en la línea de Fausto Neto (2018). Requiere que el analista desarrolle gramáticas para interpretar los matices mediatizados. La metodología, basada en Demo (2000) y Machado (2011), será cualitativa. El objeto, pistas discursivas en las redes sociales (Instagram, Facebook, YouTube y WhatsApp). En cuanto al paradigma, evidenciarlo (Ginzburg, 1989) y anárquico-reflexivo (Feyerabend, 2011, 2017) y Kuhn (2013).

Descriptorios:

racismo, racismo algorítmico, algoritmos, mediatización, sistemas

About narratives, journalism, racism(s) and algorithms

Summary

This article with essayistic nuances observes what the emergence of disruptive phenomena such as algorithmic racism represents for the media-communication system, in its journalistic aspects. We start from the assumption that, if the systems are structurally racist (Silva, 2024), the presence of algorithms in their devices makes this condition visible in media discursivity, being affected by the processuality of mediatization. In doing so, and at the mercy of what Braga (2012) calls informational circuits, it reconfigures itself discursively, becoming a problem of circulation, along the lines of Fausto Neto (2018). It demands, from those who analyze it, grammars of interpretation of mediatized nuances. The methodology, with Demo (2000) and Machado (2011), will be qualitative. The object, discursive clues in social media reports (Instagram, Facebook, Youtube and Whatsapp). As for the paradigm, indexical (Ginzburg, 1989) and anarchic-reflexive (Feyerabend, 2011, 2017) and Kuhn (2013).

Descriptors

racism, algorithmic racism, algorithms, mediatization, systems

O QUE NOS MOVE

Este artigo de matizes ensaísticos, nos moldes de Michel de Montaigne, persegue dois propósitos com pretensões antes indiciáticas que totalizantes: de um lado, dar prosseguimento a reflexões realizadas em percurso de pesquisa identificado¹; de outro, estabelecer-se como uma espécie de *turning point* epistemológico em torno da forma por meio da qual temos observado determinadas reconfigurações que se estabelecem no sistema midiático comunicacional² em condições específicas de enunciação. Referimo-nos, pontualmente, à tentativa de compreensão do que significam certas emergências que se verificam no âmbito das operações sistêmicas com potência tanto para 1) fortalecer os limites identitários do sistema como, paradoxalmente, 2) fragilizá-los, colocando em risco sua identidade sistêmica.

No primeiro caso, 1) ligado ao fortalecimento identitário do sistema, encontra-se, por exemplo, fenômenos como as “narrativas da violência”. Ou seja, reações que ocorrem com vistas à redução da complexidade do sistema midiático-comunicacional a partir de irritações relacionadas a notícias de matiz desagregador existentes na discursividade midiática (SOSTER, D. A., 2017).

1 As reflexões que estamos trazemos neste artigo foram trabalhadas mais pontualmente, inicialmente, no 22º SBPJor, em Belém do Pará; antes disso, no 33º Encontro Anual da Compós, em Niterói, no Rio de Janeiro; na revista *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*, e, finalmente, no livro “Narrativas Midiáticas Contemporâneas: Amazônia(s)” (Vert, 2024)

2 Sistema midiático comunicacional será compreendido aqui como o sistema formado por dispositivos de natureza jornalística em seus aspectos organizacionais e institucionais. Integram o sistema midiático-comunicacional, neste sentido, os sites e redes sociais, mas, também, os jornais, revistas, rádios, televisões etc., quando realizam ofertas de sentido de natureza jornalísticas. Sistemas são, neste sentido, com Luhmann (2009), diferenças na relação a) com o meio em que se inserem, mas, também, b) com os demais sistemas. A referida diferença (com o meio e demais sistemas) se estabelece à medida que as ofertas de sentido dos dispositivos que estamos chamando aqui de jornalísticos, fortalecem, ao fim e ao cabo, sua identidade sistêmica.

Esforço seminal de pesquisa demonstrou (SOSTER, D. A., 2017) como este tipo de irritação é assimilado pelas operações internas dos dispositivos que compõe o sistema midiático-comunicacional, transformando-se, após complexos processos de redução de complexidade, em extrato narrativo. Fortalece-se, por este viés, a identidade do próprio sistema na relação com o meio em que se insere e com os demais sistemas por meio da produção de diferenças.

Compreendemos discursividade midiática, com Verón (2013), como os sentidos que emergem de complexas construções simbólicas decorrentes da relação entre dispositivos, agentes e contexto cultural. Estamos falando de informações/irritações dando conta de estupro de mulheres, abusos de crianças, agressões contra homossexuais, segregação racial, maus tratos e discriminações de toda a ordem.

Inquieta-nos, particularmente, no entanto, e eis 2) a segunda perspectiva de abordagem que propomos, compreender como, paradoxalmente, este mesmo fenômeno interfere nas operações sistêmicas a partir da existência, nelas, de processos operacionais assentados em algoritmos e em inteligência artificial. Ou seja, por um tempo de mundo coordenado por lógicas estruturadas em padrões pré-determinados de escolha, de matizes atávicos, em que as máquinas passam a imitar competências historicamente consideradas especificamente como humanas, caso da capacidade de aprendizado, raciocínio e criatividade, entre outros. A hipótese inicial que nos move é que, em determinadas circunstâncias, observa-se a visibilização de fenômenos disruptivos, caso do racismo algorítmico, para os quais as ferramentas que o sistema possui para redução de complexidade, aparentemente, não tem se demonstrado eficientes.

Se isso se dá dessa forma, e eis uma segunda hipótese, é porque estes fenômenos são, como veremos adiante, antes componentes estruturais do sistema que irritações propriamente ditas. Ou seja, não se trata mais apenas de afetações oriundas do meio em

que o sistema se insere – não se pode pensar sistemas sem seu meio (Luhmann, 2019) – ou dos demais sistemas, mas, antes, “patologias” inerentes ao próprio sistema, com potencial desagregador.

Estamos nos referindo, especificamente, à emergência de práticas racistas estruturais no ambiente digital (Silva, 2022); práticas estas que, diferentemente das narrativas de violência, não são oriundas da relação entre sistema e ambiente externo, mas compõem sua própria estrutura. Por racismo estrutural vamos nos referir à discriminação racial enraizada nas estruturas sociais, econômicas e políticas da sociedade, sendo reproduzida por meio de hábitos, falas, costumes e práticas de forma consciente ou inconsciente.

É o caso do racismo algorítmico, aqui definido como:

(...) o modo pelo qual a disposição de tecnologias e imaginários sociotécnicos em um mundo moldado pela supremacia branca realiza a ordenação algorítmica racializada de classificação social, recurso e violência em detrimento de grupos minorizados. Tal ordenação pode ser vista como uma camada adicional de racismo estrutural, que, além do mais, molda o futuro e os horizontes de relação de poder, adicionando mais opacidade sobre a exploração e a opressão global que já ocorriam desde o projeto colonial do século XVI. (Silva, p. 81, 2024)

Dito de outra forma, as operações algorítmicas são seminalmente racistas porque a sociedade em que vivemos é essencialmente racista; assim, ao se constituírem como tal, refletem, por meio de sentidos gerados a partir de suas processualidades internas, os valores intrínsecos a quem lhes criou.

(...) Em suma: o racismo no Brasil não é pequeno, marginal, excepcional ou circunscrito a nichos. Ele está nas insti-

tuições, na cultura, que promove certos padrões estéticos, e nas práticas de poder de um determinado grupo. O racismo é parte estruturante de nossa ordem social. E a consequência mais terrível disso é que, ‘em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como normais em toda a sociedade’. Por isso dizemos que o racismo é estrutural: ele discrimina nos salários, no dia a dia, nos índices da violência e no acesso ao emprego, à escola, ao financiamento, à moradia, a bens e serviços. Para onde quer que olhemos, o racismo alicerça nossa sociedade. (Estevam, Karnal, p. 211, 2023)

Compreender a natureza do racismo não apenas no Brasil, mas no mundo como um todo, implica nos darmos conta, por exemplo, tanto da dimensão, quando da amplitude, de chagas históricas como a escravidão humana, tão antiga quanto a própria humanidade, como bem ilustra Laurentino Gomes em sua trilogia sobre o tema³. “Desde tempos imemoriais até muito recentemente, portanto, a captura, a venda e o cativo de gente foi parte da vida de quase todos os povos e sociedades” (Gomes, 2019, p. 27). Dito de outra forma, as sociedades; incluindo, nelas, a que vivemos, estruturam-se assentadas em bases escravocratas; de tal forma que, ainda hoje, essa matriz segregadora encontra-se impregnada na forma de ser destas mesmas sociedades, sendo o racismo sintoma de sua existência.

Se as bases são escravocratas, e considerando o atual momento evolutivo – de profunda imersão tecnológica, podemos inferir que as estruturas operacionais, em especial as de natureza técni-

3 Referimo-nos aos volumes I, II e III da coleção “Escravidão”, publicada no Brasil pela Editora Globo.

ca, desenvolvidas por *big techs*⁴ localizadas no norte global por países como Estados Unidos e Canadá, considerando-se apenas a América do Norte, também o são seminalmente. É dizer, por outras palavras, que tanto o racismo quanto os algoritmos, e os recursos por meio dos quais as inteligências artificiais operam, parecem estar impregnados matricialmente na sociedade em que vivemos já a partir de traços culturais de seus países de origem; com a diferença que a presença de algoritmos nas operações internas do sistema midiático-comunicacional parece ter despertado, muito recentemente, aspectos pouco nobilitantes na estrutura interna deste.

O “muito recentemente” se justifica porque, não obstante suas origens, no século 19, por meio, inicialmente, de Ada Lovelace e, mais tarde, Alan Turing, a efetiva utilização dos algoritmos, e interferência, nas operações de natureza sistêmica (plataformas de mídias sociais, em um primeiro momento) pode ser delimitada com a nomeação oficial, em 2010, do EdgeRanck. “Este algoritmo, também conhecido como ‘algoritmo do News Feed’, é um processo computacional automatizado que determina a relevância de cada conteúdo; tudo o que as pessoas publicam é passível de ser incluído no *feed*’.” (Winques, p. 43-44, 2024).

Retomando o raciocínio, tome-se como exemplo a difusão de *fake news*⁵ e discursos de ódio⁶ por meio de algoritmos: mais que sentidos disruptivos que circulam pela discursividade midiá-

4 Big Techs são empresas de tecnologia de grandes proporções que dominam o mercado em escala global, atuando em áreas como internet, comunicação, software, hardware e serviços digitais. É o caso de Apple, Google, Amazon, Meta e outras.

5 Literalmente, notícias falsas criadas com o propósito de produzir antes confusão que esclarecimento.

6 Por discurso de ódio vamos compreender informações de matriz desagregadora que circulam na discursividade midiática para incentivar a violência e desestabilizar as instituições (poder público – judiciário, executivo, legislativo, principalmente).

tica, tratam-se, em essência, da forma de operação de uma sociedade estruturada em rede, afeita, antes a fluxos informacionais que a lugares situacionais, próprios da modernidade. O que se busca, nesse cenário em constante movimento, parece ser, antes, a adesão das pessoas às ofertas de sentido que a transmissão de informações socialmente relevantes, por exemplo.

É o que tem nos alertado, ainda que por outros caminhos, e em mais de um momento, autores como Sodré (2021) e, mais tarde, Silva (2024-a), quando salientam que a estrutura da sociedade em que vivemos, de matizes sócio-técnico-discursivas, assenta-se essencialmente sobre uma lógica capital que transforma as pessoas elas próprias em mercadoria.

A considerável homogenia de classe, raça, gênero e origem dos profissionais envolvidos no desenvolvimento de produtos e serviços para as big tech é um dos fatores que se enquadra ao mesmo tempo como uma das causas e um dos sintomas dos negócios em torno de plataformação digital. Ideologias eurocêntricas e patriarcais dos mercados de inovação ligados ao capital financeiro se esforçaram por construir conceitos e culturas sobre tecnologias digitais com o homem branco afluente como criador e usuário priorizado, ao mesmo tempo que simulava uma neutralidade ou “cegueira racial”. (Silva, 2024-a, on-line)

Não vamos nos estender em demasia nesta digressão, não obstante sua relevância. Mais interessante é observar, quem sabe, como como os algoritmos acabam por reforçar, ao fim, estereótipos raciais, provocando, dessa forma, disrupções sistêmicas, nos moldes que estamos defendendo aqui. É o que ocorreu a 17 de dezembro de 2024, quando instruímos, por meio de

*prompts*⁷, a inteligência artificial ChatGPT⁸ para que criasse a imagem de uma empregada doméstica (Imagem 1). O ChatGPT, sabemos, é um modelo de LLM, ou seja, linguagem expandida⁹; uma forma de inteligência artificial composta de vastas quantidades de dados e programada para gerar conteúdos similares aos produzidos por humanos. A instrução por uma mulher, e não um homem, tem razão de ser: estima-se que 95% das pessoas que trabalham nesta profissão são mulheres.

O resultado da solicitação foi a imagem de uma mulher jovem, branca e sorridente, limpando uma casa. Observe-se, no resultado gerado, que a mulher calça um tênis branco, está vestida com um macacão, usa luvas para proteger as mãos, aos seus pés há um balde com material utilizada para a limpeza e o ambiente em que trabalha é asseado e iluminado. Seu olhar é sereno; em nada denota cansaço, ou preocupação com a tarefa que está realizando. Seu biotipo pouco lembra o perfil hegemônica de uma empregada doméstica brasileira – segundo o Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas (Dieese), 65% das mulheres que trabalham nesta profissão são negras¹⁰.

7 Prompts são instruções de damos às inteligências artificiais para que executem tarefas; uma vez realizado, a IA interpreta o comando, busca compreender o que se pede e gera um resultado com base em seu treinamento e no comando recebido.

8 <https://chatgpt.com/>

9 Large Language Model

10 Fonte: [<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/mulheres-negras-sao-65-das-trabalhadoras-domesticas-no-pais>] Acesso: [19 de novembro de 2025]

Imagem 1: empregada doméstica



Fonte: ChatGPT

Quando pedimos, no entanto, que a inteligência artificial criasse a imagem de uma “mulher bahiana limpando uma casa”, o resultado foi uma mulher negra. Se, de um lado, usa igualmente luvas e uma vassoura, ela se encontra retratada de costas, a cabeça baixa, os pés descalços, aparentemente triste. Outro aspecto importante é a forma como se veste: se, na Imagem 1, a roupa sugere algo moderno, profissional, na Imagem 2 parece a vestimenta de uma empregada doméstica de filmes sobre escravidão, com *Django Livre*¹¹, de Quentin Tarantino, por exemplo. Ou seja, de forma caricatural, remetendo a uma condição social subalterna.

11 Disponível em: [<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-190918/>] Acesso em: [17/12/24]

Imagem 2: estereótipo



Fonte: ChatGPT

Ao perguntarmos sobre a roupa que ela está usando na foto, a resposta foi a seguinte¹²:

Na imagem, a mulher parece estar usando uma roupa inspirada no traje típico das baianas, conhecido como “baiana de acarajé” ou vestimenta tradicional das baianas. Esse traje geralmente inclui os seguintes elementos: Saia rodada: Uma saia ampla e longa, geralmente branca ou com detalhes coloridos. Bata ou blusa rendada: Uma blusa solta com bordados e rendas. Torço: Um pano enrolado na cabeça, como um turbante, que é tradicional na cultura afro-brasileira. Aven-

12 Disponível em: [<https://chatgpt.com/c/676158af-123c-800f-8864-ba0ffcc71144>] Acesso em: [17/12/24]

tal: Usado em algumas variações do traje, principalmente em contextos de trabalho. Colares: Acessórios de contas coloridas (muitas vezes ligados às religiões de matriz africana como o Candomblé). Essa vestimenta é muito simbólica na cultura da Bahia e está ligada às tradições afro-brasileiras, especialmente às quituteiras que vendem acarajé e outras comidas típicas. Se precisar de mais informações, é só avisar!

Observe-se, na explicação, que a inteligência artificial interpreta elementos da vestimenta como pertencentes à “cultura afro-brasileira” e afirma que se tratam, as vestes, de algo ligado às “tradições afro-brasileiras”. Se observarmos, por outro lado, que, segundo o IBGE, 80% da população bahiana era composta de negros em 2024, inferimos que o algoritmo deduziu que as chances de a empregada doméstica ser negra eram significativas. Mas isso não explica, por exemplo, o fato de associar a cultura afro-brasileira ao trabalho de empregada doméstica, considerado “menor” para os padrões brasileiros, muito menos de retratar, na imagem, uma mulher descalça, de costas e em posição evidentemente subalterna. Poderíamos nos perguntar, por exemplo, caso a inteligência artificial tenha agido por dedução, porque não retratou uma mulher nas mesmas condições da que fez na imagem 1; ou seja, sorridente, bem vestida e bem equipada, ainda que negra.

Isso posto, é preciso dizer que nossa abordagem metodológica, neste ensaio, é qualitativa, nos moldes de Demo (2000) e Machado da Silva (2021), ou seja, voltada principalmente para os significados, em uma perspectiva interpretativa. Já a estratégia de observação, com Ginzburg (1989), será de natureza indiciária, ou seja, seguiremos pistas discursivas que encontrarmos na superfície de relatos em torno do tema “racismo”, aqui compreendidos desde agora como indexadores de camadas mais profundas de significação.

É dizer, por outras palavras, que utilizaremos, de forma aleatória, como estratégia de observação, o resultado de orientações

realizadas por *prompts* detalhados com instruções específicas e compreendermos os resultados como pistas discursivas. São pistas porque representam camadas mais significativas de compreensão; é a partir delas que faremos nossas reflexões. O objetivo é demonstrar, por aplicação, que os algoritmos são matricialmente racistas, mas, principalmente, que fragilizam a estrutura sistêmica porque os sistemas não possuem ferramentas de controle dessas irrupções, como ocorre com a irritação.

A opção por uma metodologia como a proposta se justifica, no diálogo com Kuhn (2013) e Feyerabend (2011, 2017), por acreditarmos que a compartimentalização metodológica antes reifica que esclarece a natureza de fenômenos complexos como os que estamos propondo analisar.

Delimitações conceituais

A título de primeira delimitação conceitual, inseriremos as narrativas da violência como parte integrante das narrativas dissonantes, ou seja, das ofertas de sentido que se distinguem das demais realizadas pelos dispositivos do sistema midiático-comunicacional antes por diferenças tonais que temáticas (SOSTER, D. A., 2023, 2024). Pensar as emergências de narrativas de violência em um contexto dissonante implica considerar, no movimento, ainda, a presença de efeitos de contraste.

Tratam-se, os efeitos de contraste (SOSTER, D. A., 2024), do resultado de um complexo conjunto de propriedades discursivas (textos, imagens estáticas e em movimento, sons, hiperligações etc.) existentes na superfície dos relatos existentes na discursividade midiática que, ao fim, destoam tonalmente das demais ofertas de natureza semelhante, de onde o substantivo “contraste”. São estas propriedades, uma vez identificadas, que nos permitem afirmar, com alguma precisão, que determinada oferta de sentido é dissonante; nela, de violência, na comparação com as demais de natureza semelhante.

Um exemplo da emergência de narrativas dissonantes; nelas, da presença de efeitos de contraste, pode ser observado por ocasião das enchentes que abalaram a região Sul do Brasil em abril de 2024. A partir dos primeiros alertas expedidos pelo Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), entre os dias 26 e 27 de abril de 2024, dando conta da proximidade de uma chuva de grandes proporções na região, até o agravamento da tragédia, gradativamente o assunto foi sendo veiculado pelos dispositivos do sistema midiático-comunicacional, no que ele tem de jornalístico, até transformar o sistema ele próprio em um extrato narrativo pelo alinhamento temático.

Em sua maioria, conforme observamos em outro momento (Autor, 2024), as ofertas de sentido produzidas pelos relatos jornalísticos eram de natureza referencial e de caráter informativo; dito de outra forma, geneticamente falando, notícias a respeito do que estava ocorrendo no Rio Grande do Sul por aqueles dias. É o caso da matéria publicada no site G1, intitulada “Um mês de enchentes no RS: veja cronologia do desastre que atingiu 471 cidades, matou mais de 170 pessoas e expulsou 600 mil de casa”¹³. Mesmo resgatando, cronologicamente, a sucessão de eventos, e ilustrando a cobertura com imagens, trata-se de um texto de caráter informativo; ou seja, que se restringe à contar o que ocorreu, sem maiores preocupações interpretativas.

Em alguns momentos, no entanto, estas informações, mesmo ligadas tematicamente aos eventos, destoavam das demais do ponto de vista da tonalidade. Referimo-nos, especificamente, a título de ilustração, à cobertura realizada pelo site Sumaúma¹⁴: ao longo de toda a cobertura, o site de preocupou antes em compreender, reflexiva e opinativamente, o que estava acontecendo

¹³ Disponível em: [https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchentes-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.ghtml] Acesso em: [27/11/2024]

¹⁴ https://sumauma.com/

do que apenas relatar estes mesmos acontecimentos de forma factual, própria das notícias.

É o que nos sugere, por exemplo, reportagem em quadrinho intitulada ‘A enchente provou que o Rio Grande do Sul é Terra Indígena’¹⁵, em que ficamos sabendo que a enchente, ao destruir áreas de cultivo, trouxe à tona, também, resquícios da cultura dos povos originário; neste caso, Guaranis. Ou do editorial assinado por Jonathan Watts, em Altamira, no Pará, a 16 de maio de 2024, alertando que “(...) Bem-vinda, bem-vinde, bem-vindo ao mundo flutuante: As inundações devastadoras no Rio Grande do Sul são um prenúncio do caos que está por vir e uma advertência aos governos que não cuidam da floresta e de outros pilares da estabilidade climática”¹⁶. O que temos aqui são, antes, tentativas de reflexão em torno de problemas graves envolvendo meio ambiente que mera descrição de fatos, de onde o adjetivo dissonante das narrativas.

Já os efeitos de contraste são criados a partir do conteúdo dos enunciados, à revelia de sua natureza. Nos exemplos citados acima, por exemplo, o editorial se utiliza, no título, da expressão “mundo flutuante” na tentativa de sugerir, figurativamente, e com alguma ironia, as consequências de uma enchente dessa proporção. Já a matéria do G1 sugere, por meio de expressões como “veja a cronologia” que seu objetivo é informar, principalmente. De um lado, amplitude semântica; de outro, precisão vocabular; na diferença entre os dois, efeitos de contraste. Não vamos nos prolongar neste aspecto, sob o risco de dispersão.

Esquemáticamente, temos o seguinte arranjo; observe-se que, nele, tanto os efeitos de contraste quanto as narrativas da violência integram o que chamamos de narrativas dissonantes:

15 Disponível em: [<https://sumauma.com/a-enchente-provou-que-o-rio-grande-do-sul-e-terra-indigena/>] Acesso em: [27/11/2024]

16 Disponível em: [<https://sumauma.com/bem-vinda-bem-vinde-bem-vindo-ao-mundo-flutuante/>] Acesso em [27/11/2024]

Narrativas dissonantes \succ Narrativas da violência \succ Efeitos de contraste

Importante salientar, neste contexto, que tanto as narrativas dissonantes, como as narrativas de violência, e os efeitos de contraste, tornam-se particularmente visíveis quando o Quarto Narrador se materializa como tal na discursividade midiática. Ou seja, quando o próprio sistema se estabelece como um extrato narrativo, neste caso, de natureza multifacetada e plurivocal (SOSTER, D. A., 2014, 2015, 2016, 2017, 2023). Ou seja, quando há estabilidade sistêmica.

Sob outro ângulo, se, inicialmente, defendíamos que a tematização uniformizava as ofertas de sentido do Quarto Narrador, tornando-o identificável como tal, a emergência, no âmbito dos dispositivos, das narrativas dissonantes sugere que estamos diante de uma nova reconfiguração sistêmica (Autor, 2024). Ou seja, o Quarto Narrador está se adaptando, em consonância com sua natureza sistêmica, uma vez mais, e a maneira por meio da qual o faz é complexificando seus traços identitários como forma de criar diferenças que geram diferenças, valendo-nos do axioma seminal de Bateson (2000).

Significa afirmar que, ao se estabelecer como uma diferença em relação ao meio em que se insere, e os demais sistemas, fortalecendo, dessa forma, sua própria identidade, o sistema, na forma de Quarto Narrador, adapta-se, complexificando-se. Adaptar-se, neste caso, é se tornar mais diferente que os demais. É o que procuramos demonstrar, recentemente, em artigo apresentado no GT de Jornalismo do 33º Encontro Anual da Compós, em Niterói, no Rio de Janeiro, referente às enchentes que abalaram a região Sul do Brasil em 2024, provocando destruição de toda ordem, como citado anteriormente.

Com tema racismo observa-se algo semelhante. Em julho de 2024, por exemplo, uma notícia envolvendo denúncia de racismo irritou o sistema midiático-comunicacional. Dois professores –

um brasileiro e uma argentina, foram filmados em uma roda de samba no Rio de Janeiro enquanto imitavam macacos em suas danças. À polícia, Thiago Martins Maranhão e Carolina de Palma afirmaram que os gestos realizados pelo casal durante a coreografia não tiveram conotação racista; tratava-se, antes, do que chamaram de “dança criativa”¹⁷. Uma busca simples pelo Google nos permite observar, dado a dimensão da repercussão, que o assunto não apenas irritou o sistema midiático-comunicacional como foi absorvido por ele, dando voz ao Quarto Narrador.

Importante salientar, na perspectiva que estamos propondo discutir, que irritações como estas se realizam na relação dos sistemas com os demais sistemas, ou dos primeiros com o meio em que se inserem. Ou seja, não integram a estrutura operacional do sistema midiático-comunicacionais, no que ele tem de jornalístico, ainda que este esteja preparado, como veremos, para eles. Sobretudo que, para fenômenos dessa natureza, as operações sistêmicas têm se mostrado suficientes para dar conta da manutenção identitária destes por meio da produção de diferenças.

Mas e quando a perturbação tem origem na estrutura do sistema, opera nos mesmos moldes que a irritação? É o que tentaremos compreender a seguir.

O que vem de dentro irrita?

Sabemos, desde Luhmann (2009), pelo menos, que toda irritação é autoproduzida. Ou seja, o dispositivo que permite, ao fim, que a redução de complexidade de um sistema ocorra, garantindo sua manutenção estrutural, é, antes, uma característica operacional do próprio sistema que algo que vem de fora:

¹⁷ Disponível em: [<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/11/professores-que-imitaram-macacos-em-roda-de-samba-no-rj-sao-indiciados-sob-suspeita-de-racismo.shtml>] Acesso em: [20/11/2024]

O sistema pode reagir a irritações e estímulos (perturbações, na linguagem de Maturana), não quando tudo pode influir no sistema, mas somente quando existem padrões altamente seletivos. Ou seja, o sistema reage somente quando pode processar informações e transformá-las em estrutura. As irritações surgem de uma confrontação interna (não especificada, num primeiro momento) entre eventos do sistema e possibilidades próprias, que consistem, antes de tudo, em estruturas estabilizadas, expectativas. Portanto, não existe nenhuma irritação no meio do sistema, assim como não existe transferência de irritação do meio ao sistema. Trata-se sempre de uma construção própria do sistema: é sempre uma autoirritação (naturalmente posterior a influxos provenientes do meio)". (Luhmann, p. 132, 2009)

É o que ocorre, usualmente, em um ambiente de produção de informação de natureza jornalística, caso de uma redação de jornal, a título de ilustração: ainda que esta dependa de acontecimentos externos à redação para operar – um acidente de trânsito, por exemplo – toda a estrutura organizacional está preparada para cobrir eventos dessa natureza. Mal comparando, é como se apenas “aguardasse” algo previsível dentro de determinados critérios e valores notícia ocorrer (um acidente) para, após uma série de operações voltadas à redução de sua complexidade, pensando-se pelo viés da produção de notícias, transformá-lo em informação de natureza jornalística. Por isso podemos dizer, com alguma margem de segurança, que se trata de uma irritação autoproduzida, ainda que o estímulo tenha se originado do ambiente.

Mas e quando o problema não é necessariamente uma irritação, e sim algo como uma característica estrutural do sistema? Ou seja, uma prática (racista) que se visibiliza com mais potência a partir da presença, nas operações sistêmicas, de algoritmos estruturados por padrões de referência racistas? É o que nos con-

voca a refletir Liliane Rocha¹⁸ em artigo escrito para o Le Monde Diplomatic Brasil¹⁹, intitulado “Racismo algorítmico: a exclusão da população negra²⁰”. Em sua reflexão, Rocha (2023) sugere que mesmo mecanismos de busca reproduzem, por meio de algoritmos, os valores dominantes da sociedade em que foram desenvolvidos.

Aliás, não sei se você já prestou atenção, mas no Instagram, quando vamos fazer um stories, e tentamos inserir um ícone, se escrevemos a palavra anjo, virá sempre a imagem de um anjo branco. Atleta, virão sempre atletas brancos. E assim por diante. Para vir uma imagem de anjo negro, atleta negro, ou qualquer outra iconização negra, eu tenho que especificar a palavra negro ao final. Como se a branquitude fosse norma e padrão, e as outras etnias necessitassem ou demandassem ser detalhadas como uma exceção (Rocha, 2023, on-line).

A articulista tem razão. Ao digitarmos, no Google²¹, a palavra “anjo”, as imagens que aparecem são de anjos brancos, ainda que não tenhamos especificado, na busca, nossa preferência em termos de padrões raciais, conforme observamos na Imagem 3.

O mesmo não ocorre se inserirmos, no campo de busca, a expressão “anjos negros”, com uma diferença: nestes casos, além de anjos com a pele negra vamos encontrar (Imagem 4), tam-

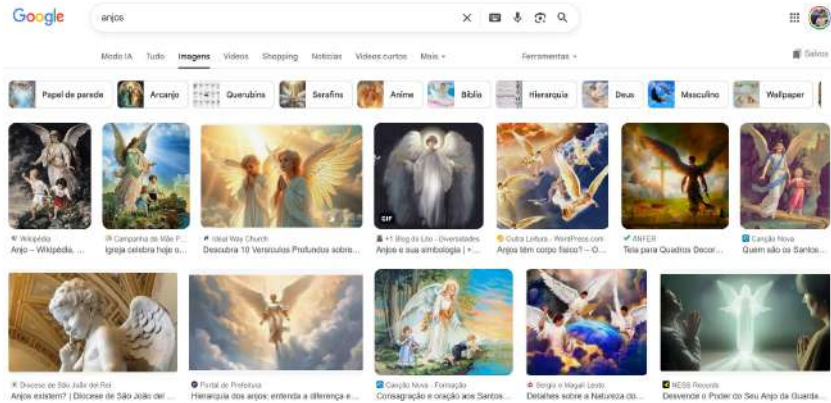
18 CEO e Fundadora da Gestão Kairós, consultoria de diversidade e sustentabilidade.

19 <https://diplomatique.org.br/>

20 Disponível em: [<https://diplomatique.org.br/racismo-algoritmico/>] Acesso em: [16/12/2024]

21 Evitaremos, neste artigo, por economia de espaço, mas, também, para não fugir do escopo de nossa discussão, problematizar os critérios de seleção de plataformas como o Google em sua relação com o Whatsapp, ou mesmo Chat-GPT, não obstante sua importância.

Imagem 3: anjos brancos

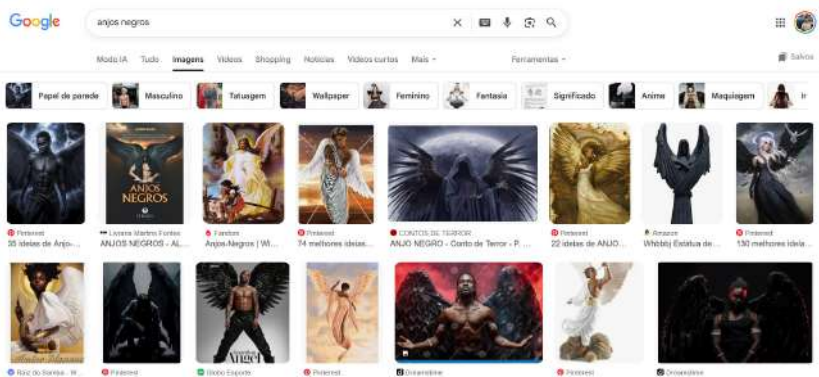


Fonte: Google

bém, a cor preta associada a expressões do mal.

Outro exemplo: ao solicitarmos, a 16 de dezembro de 2024, à inteligência artificial do Whatsapp que criasse uma imagem de pessoas pobres em uma favela, o resultado foi a imagem de pessoas – homens, mulheres e crianças negras vivendo em um ambiente marcado pela precariedade (Imagem 5); algo semelhante

Imagem 4: anjos negros no google



Fonte: Google

tendo ocorrido quando se referiu à imagem de uma mulher pobre na favela (Imagem 6): neste caso, a imagem produzida foi de uma mulher senão negra, de pele morena, o sofrimento estampado em seu rosto.

Não se trata de discutir, aqui, os parâmetros utilizados pelo Google, ainda que o sejam relevantes – seus sistemas de classificação se analisam centenas de fatores e indicadores a partir de critérios como relevância, contexto, qualidade e utilidade do conteúdo etc., mas observar que as escolhas realizadas pelos algoritmos sugerem que seus padrões estão vinculados a critérios racistas à medida que associa a condição racial negra à pobreza, por exemplo.

A inteligência artificial ChatGPT²², uma das mais populares,

[22 https://chatgpt.com/](https://chatgpt.com/)

Imagem 5: pretos, pobres e favelados



Fonte: Whatsapp

Imagem 6: mulher pobre na favela



Fonte: Whatsapp

no momento, por sua vez, está se adaptando. Ou seja, sempre que solicitada a criar imagens de pessoas pobres, ou faveladas, por exemplo, prefere inserir nas imagens personagens brancas. Significa dizer que está tentando se adaptar aos alertas dando conta da existência de racismo algorítmico. Isso ocorreu, por exemplo, a 19 de dezembro de 2024, quando solicitamos que criasse imagem de uma família nordestina pobre (Imagem 7).

Ou seja, a I.A. criou a imagem de uma família de pessoas brancas e pobres. Quando solicitamos a imagem de uma família de pessoas pobres da Bahia, nordeste do Brasil, o resultado foi uma família composta por afro-descendentes, como demonstra a Imagem 8.

Imagem 7: família nordestina pobre



Fonte: ChaptGPT

EFEITO COLATERAL

Diante do exposto, podemos afirmar, sem pretensões totalizantes, que o racismo algoritmo se trata de um componente estrutural inerente ao sistema em que se insere. Dito de outra forma, e reiterando o que dissemos acima: o sistema sempre foi racista porque os valores intrínsecos a ele são racistas. O que os algoritmos fizeram foi potencializar, a partir das ofertas de sentido realizadas pelos dispositivos que compõem o sistema midiático-comunicacional, esta condição, tornando-a visível. Por isso dizemos, com alguma segurança, que existe algo chamado racismo algorítmico; que repete, em essência, o racismo estrutural da sociedade. “O racismo algorítmico é uma espécie de atualização do

Imagem 8: família bahiana pobre



Fonte: ChaptGPT

racismo estrutural” (Silva, 2024-a, on-line); bem por isso, Tarleton Gillespie (2018) salienta:

O que precisamos é um questionamento dos algoritmos enquanto elemento central do nosso ecossistema informacional (ANDERSON, 2011), e das formas culturais que emergem às suas sombras (STRIPHAS, 2010), prestando atenção especialmente em como e onde a introdução desses algoritmos nas práticas de conhecimento humano podem ter ramificações políticas. (2018, p.97)

Seguindo nosso raciocínio, a diferença, neste caso, é que, paradoxalmente, ao se visibilizarem na discursividade midiática, estas emergências adquirem caráter disruptivo. Importante frisar

que, neste caso, não se trata de uma reação restrita ao sistema, mas a toda a discursividade midiática, por isso não chamamos de irritação, e sim de “efeito colateral” provocado pela processualidade da midiática neste contexto. Por processualidade da midiática vamos compreender as reconfigurações que são decorrentes dos atravessamentos e interposições provocados pela presença de fluxos informativos nas operações sistêmicas, sejam no âmbito dos dispositivos, dos sistemas ou do meio em que se inserem.

Este “efeito colateral”, por sua vez, é provocado por dois fatores: o primeiro está ligado à emergência de uma nova ambiência, nas palavras de Gomes (2006), espécie de “nova forma de ser no mundo”, ou quarto bios²³, na categorização aristotélica de Sodré (2002), de matizes sócio-técnico-discursivos. Compreender este lugar implica observar a sociedade se realizando relacionamente com a tecnologia; a visada supera, portanto,   noção segundo a qual os dispositivos tecnológicos operam apenas como meios pelo viés do qual viabilizamos nossa existência.

O segundo fator tem a ver com o fato de que esta ambiência ser marcada pela presença do que Braga (2012) chamou, em outro momento, circuitos informacionais, ou seja, fluxos informativos que circulam livremente pela tessitura da discursividade midiática, e, nesse caminho, se interpõem e atravessam os dispositivos, interferindo em suas ofertas de sentido. Pensar uma ambiência marcada antes por fluxos informativos que por ofertas de sentido axiomáticas, próprias da sociedade dos meios, implica subsumir a circulação antes como dispositivo que lugar de passagem.

É o que nos sugere Fausto Neto (2018, 2010) quando lembra que o conceito de circulação, em uma perspectiva midiaticizada, distancia-se das visadas que sempre a conceberam como “zona

23De acordo com Sodré, a partir de Aristóteles, o primeiro bios é a vida contemplativa; o segundo, a (vida) política. Já o terceiro bios se refere à vida prazerosa (Sodré, 2002, p.25).

insondável”, “intervalo” ou “passagem” e passa a operar como “zona de indeterminação” enquanto dispositivo, ou espaço gerador de potencialidades.

Com isso a visada:

Retira das gramáticas a soberania das intenções, à medida que os discursos se contatam pelo contágio da força e dinâmica deste novo espaço. As intenções de origem perdem força, uma vez que estão entregues a outras dinâmicas que fazem com que a produção e a recepção não possam mais controlá-las, bem como os efeitos que presumem estabelecer sobre discursos. A linearidade dá lugar à heterogeneidade (FAUSTO NETO, 2010, p. 9-10)

É dizer, de outra forma, que, à medida que se visibiliza, o racismo estrutural, tornado visível por meio dos algorítmicos, passa a provocar, paradoxalmente, reações muito semelhantes às que se verificam quando da emergência das narrativas dissonantes, mas agora na tessitura da experiência mesma, sem delimitações sistêmicas, em decorrência da processualidade da midiaticização. O que muda, nessa perspectiva, são noções como controle, estabilidade, redução de complexidade; no lugar destas, emergem conceitos como fluxos, atravessamentos, interposições e reconfigurações; próprios de uma sociedade midiaticizada.

Encontramos no Instagram, uma das redes sociais mais utilizadas no Brasil²⁴, alguns exemplos do que estamos afirmando: a 20 de novembro de 2024, vídeo publicado no feed²⁵ da mídia social denunciava como de dava a reação de pessoas brancas na rua quanto eram tocadas, subitamente, ao descer uma escada,

24 Estima-se que haja cerca de 3 bilhões de usuários ativos mensais do Instagram no Brasil em 2025.

25 Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/DCnQZ0MOZ-f/?utm_source=ig_web_copy_link] Acesso em: [20/12/2024]

por um cego negro que caminhava com ajuda de muletas. No geral, as reações oscilaram entre o susto e a repulsa, em algum momento, com violência. Somente uma mulher branca se dispôs a ajudar o jovem negro a descer a escada.

Outro exemplo, também publicado no feed do Instagram²⁶, a 30 de novembro de 2024, abordava o problema do racismo de forma pedagógica com viés sócio-histórico. Ou seja, sugerindo que o racismo também está ligado à forma por meio da qual a sociedade em que vivemos se estrutura cientificamente. Neste caso, informando que, em 1851, a ciência tanto categorizava a necessidade de fugir do cativo patologicamente como dava nome ao “problema”: drapetomania.

Imagem 9: discurso antirracista



Fonte: Instagram

²⁶ Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DC_ou4cxIS9/?utm_source=ig_web_copy_link] Acesso em: [20/12/2024]

Há muitos outros exemplos como este nas mídias sociais e para além do Instagram. No Facebook, por exemplo, uma simples busca pela expressão “discursos antirracistas no face²⁷” nos conduz, via Microsoft Bing²⁸, a dezenas de vídeos sobre o tema existentes em mídias sociais. Caso, por exemplo, de podcast veiculado pelo coletivo Nexo no Youtube a 27 /07/2024, sobre pesquisa envolvendo a percepção do racismo no Brasil.²⁹

Acreditamos que estes exemplos sejam suficientes para ilustrar o que estamos refletindo; passemos, portanto, às considerações finais.

Imagem 10: abordagem pedagógica



Fonte: Instagram

27 Disponível em: [<https://www.bing.com/videos/search?q=discursos+anti+racistas+no+face&qv=discursos+antirracistas+no+face&FORM=AWVR>] Acesso em: [20/12/2024]

28 <https://www.bing.com/>

29 Disponível em: [<https://youtu.be/Yd6PyJIDEOI?si=2QwJKP6itBJt123z>] Acesso em: [20/12/24]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imagem 11: podcast sobre o racismo



Na rua, na escola, em casa: onde o racismo se manifesta no Brasil | Podcast de 27.jul.23

Fonte: Youtube

Iniciamos nossa reflexão tentando compreender o que significam certas emergências que se verificam no âmbito das operações sistêmicas com capacidade tanto para fortalecer seus limites identitários como, paradoxalmente, fragilizá-los, colocando em risco sua capacidade de manutenção da identidade sistêmica. Sabemos, desde Luhmann (2009), que as operações internas dos sistemas, à revelia de sua natureza, buscam, ao fim, gerar diferenças em relação a outros sistemas e ao meio em que se inserem como forma de manutenção de sua própria identidade sistêmica.

No entanto, há determinadas emergências, caro do racismo algorítmico, que parecem não pertencer a essa lógica operacional. Referimo-nos, de um lado, à emergência de fenômenos como as narrativas dissonantes; nelas, as narrativas da violência e os efeitos de contraste, de matriz agregador; de outro, a conteúdos de

natureza desagregadora capaces de fragilizar, potencialmente, a identidade do próprio sistema.

O primeiro caso, como dito, está ligado à processualidade sistêmica, ou seja, à forma por meio da qual os sistemas absorvem as irritações e reduzem sua complexidade, fortalecendo, dessa maneira, sua diferença na relação com o meio em que se insere e os demais sistemas. O segundo se interpõem na reflexão como uma espécie de “efeito colateral” da processualidade da mediação sobre as operações sistêmicas.

Este é o ponto que nos interessa particularmente; onde a pesquisa avança: reconhecendo-o como objeto de atenção, subsumimos que existe algo, na constituição estrutural dos sistemas, que não pode ser modificado facilmente pelas operações internas deste, não obstante os apelos em contrário. Estamos falando, de um lado, da forma por meio da qual os sistemas realizam suas operações; de outro, de elementos sobre os quais os sistemas parecem não dispor de mecanismos eficientes de controle, se considerarmos sua natureza como sendo adaptativa. Os algoritmos, neste caso, e mesmo as inteligências artificiais que se valem deles, são meros vetores de um problema com camadas ainda mais profundas de significação.

Por isso buscamos conduzir nosso raciocínio em torno de três hipóteses: a primeira delas dando conta que, no tocante à visibilização de fenômenos disruptivos, já o dissemos, os sistemas parecem não possuir ferramentas adequadas para combater problemas de natureza matricial. Ato contínuo, e eis a segunda hipótese, de que o sistema é, portanto, matricialmente, racista; reverter, ou mitigar, esta condição implicaria reestruturas as bases estruturais do próprio sistema. Já a terceira e derradeira hipótese sugere que estamos diante de um problema que exige, daquele que o analisa, novas gramáticas de interpretação.

Por isso, quem sabe, podemos afirmar que pensar a processualidade da mediação afetando as operações de natureza sistêmica implica considerar que há diferentes problemáticas a

serem consideradas no percurso; as operacionais, passíveis de resolução – basta, quem sabe, programar de forma mais adequada os algoritmos e as inteligências artificiais; e as de natureza matricial, ainda carentes de instrumental adequado de correção.

Sobretudo, que estamos tratando, antes, de um problema de circulação, pensada aqui como dispositivo, que de produção, ou mesmo de reconhecimento. Ou seja, que, para compreender a problemática proposta, precisamos pensar o objeto em movimento; sobretudo, considerar, na análise, que ele é marcado mais por atravessamentos e interposições provocados por circuitos informacionais múltiplos que por lugares situacionais, próprios da sociedade dos meios, e o que emerge disso tudo.

Traduzir o que isso significa, em essência, é a tarefa que temos pela frente.

Bibliografia

- ANDERSON, Chris W. Deliberative, agonistic, and algorithmic audiences: Journalism's vision of its public in an age of audience transparency. *International Journal of Communication*, p. 529-547, 2011, 5 v. 2012. p. 31-52.
- BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.
- BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. Â. et al. (org.). *Mediatização & midiatização*. Salvador; Brasília: Edufba; Compós, 2012. p. 31-52.
- DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000.
- ESTEVAM, Luiz; KARNAL, Leandro. *Pré-conceito: uma história*. São Paulo: Cia das Letras, 2023.
- FAUSTO NETO, Antonio. *Circulação: trajetos conceituais*. Rizoma, v. 6, n. 2, p. 08-40, 7 jul. 2018.
- FAUSTO NETO, Antonio. *A circulação além das bordas*. In: *MEDIATIZACIÓN, SOCIEDADE Y SENTIDO: DIÁLOGOS ENTRE BRASIL Y*

- ARGENTINA. Rosario, 2010. Anais...
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
 - FEYERABEND, Paul. *Ciência, um monstro: lições trentinas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
 - GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. *Revista Parágrafo*, 2018, v. 6, n. 1, p. 95-121. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/722/563>. Acesso em: 17 nov. 2025.
 - GOMES, Pedro Gilberto. *Filosofia e ética da comunicação na midiatização da sociedade*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.
 - GINZBURG, Carlos. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: GUINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
 - GOMES, Laurentino. *Escravidão: Volume I – Do primeiro leilão de cativos em Portugal atpa a morte de Zumbi dos Palmares*. São Paulo: Globo Livros, 2019.
 - KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
 - LUHMANN, Niklas. *Introdução à teoria dos sistemas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
 - MACHADO DA SILVA, Juremir. *O que pesquisar quer dizer como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2021.
 - SILVA, Tarcízio. *Racismo algorítmico*. São Paulo: Edições Sesc, 2024.
 - SILVA, Tarcízio. *A democratização tecnológica passa por mitigarmos controvérsias e violências de classe, raça, gênero e outras*. Fundação Tide Setubal entrevista Tarcízio Silva. On-line, s/d. Disponível em: <https://fundacaotidesetubal.org.br/fundacao-tide-setubal-entrevista-tarcizio-silva/> Acesso em: [16/12/2024]
 - SILVA, Tarcízio. “O racismo algorítmico é apenas a atualização do racismo estrutural”. Disponível em: [\[Tarcízio Silva: “O racismo algorítmico é uma espécie](#)

[de atualização do racismo estrutural” - Geledés\]](#) Acesso em: [19/12/24].

- STRIPHAS, Theodore G. How to have culture in na algorithmic age. In: Differences and Repetitions. 13 jul.2010. Disponível em: <<http://striphas.blogspot.com.br/2010/07/how-to-have-culture-in-algorithmic-age.html>>. Acesso em: 18 nov. 2025
- SODRÉ, Muniz. Antropológica do espelho. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.
- SODRÉ, Muniz. A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.
- SOSTER, D. A. Reflexões em torno do quarto narrador, das narrativas dissonantes e dos efeitos de contraste. In: AZOUBEL, D.; CRISTINA COSTA, A.; SILVA, M.G.; AUTOR, Autor.; ZART, L.H. Narrativas Midiáticas Contemporâneas: Amazônia(s). São Luís/MA: Editora Vert, 2024.
- SOSTER, D. A. A midiatização das narrativas jornalísticas de subjetividade. In: ANAIS DO 33° ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2024, Niterói. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2024. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/a-midiatizacao-das-narrativas-jornalisticas-de-subjetividade?lang=pt-br>> Acesso em: 12 Nov. 2024.
- SOSTER, D. A. Jornalismo, narrativas dissonantes e a reconfiguração do Quarto Narrador. In: ANAIS DO 22° ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO - VOL. 22, 2024, 2024, Belém. Anais eletrônicos..., Galoá, 2024. Disponível em: <<https://proceedings.science/sbjor-2024/trabalhos/jornalismo-narrativas-dissonantes-e-a-reconfiguracao-do-quarto-narrador?lang=pt-br>> Acesso em: 20 Dez. 2024.
- SOSTER, D.A. Reflexões em torno do quarto narrador, das narrativas dissonantes e dos efeitos de contraste. In: AZOUBEL, D.; CRISTINA COSTA, A.; SILVA, M.G.; SOSTER, D.A.; ZART, L.H. Narrativas Midiáticas

- Contemporâneas: Amazônia(s). São Luís/MA: Editora Vert, 2024.
- SOSTER, D.A. A midiatização das narrativas jornalísticas de subjetividade. In: ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2024, Niterói. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2024. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/a-midiatizacao-das-narrativas-jornalisticas-de-subjetividade?lang=pt-br>> Acesso em: 12 Nov. 2024.
 - SOSTER, D.A. Jornalismo, narrativas dissonantes e a reconfiguração do Quarto Narrador. In: ANAIS DO 22º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO - VOL. 22, 2024, 2024, Belém. Anais eletrônicos..., Galoá, 2024. Disponível em: <<https://proceedings.science/sbpjor-2024/trabalhos/jornalismo-narrativas-dissonantes-e-a-reconfiguracao-do-quarto-narrador?lang=pt-br>> Acesso em: 20 Dez. 2024.
 - SOSTER, D.A. As Zonas Intermediárias de Circulação e a emergência de narrativas dissonantes na discursividade midiática. Questões Transversais, São Leopoldo, Brasil, 2023. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/26423>. Acesso em: 26/12/24.
 - SOSTER, D.A. O quarto narrador, a midiatização e as narrativas da violência. Revista Intercom, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 41-58, jan./abr. 2017
 - SOSTER, D.A. A literatura, o sistema midiático e a emergência do Quarto Narrador. Signo (UNISC. Online), v. 1, p. 154-161, 2016.
 - SOSTER, D.A. A reconfiguração das vozes narrativas no jornalismo midiático. Rizoma, v. 3, n. 1, p. 23-35, 1 ago. 2015.
 - VERÓN, Eliseo. La semiose social 2: ideas, momentos, interpenetrantes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013

DATOS DEL AUTOR

Demétrio de Azeredo Soster
Doutor em Comunicação Social
pela Universidade do Vale
do Rio dos Sinos (Unisinos).
Professor-pesquisador do
Programa de Pós-graduação em
Comunicação (PPGCom) e do
Departamento de Comunicação
Social (DCOS) da Universidade
Federal de Sergipe (UFS).
Pesquisa Midiatização,
Narrativas, Sistemas e
Jornalismo.
e-mail: deazeredososter@
academico.ufs.br
ORCID: [https://orcid.org/0000-
0002-9005-9334](https://orcid.org/0000-0002-9005-9334)

Recibido: 11/08/2025

Aceptado: 16/03/2026